

C A R O L I N A M U N H Ó Z

A magia ocorre ao longo das estações. As piores partes no inverno...

O
INVERNO
DAS *Fadas*



o inverno das fadas

A magia ocorre ao longo das estações. As piores no inverno...



PRÓLOGO

Why do all good things come to an end?

Por que todas as coisas boas chegam ao fim?

Ele deu um tiro na cabeça.

Depressão? Falta de amor próprio? De amor pelos outros? Quem sabe!

A única certeza era que das orelhas escondidas no cabelo loiro ensebado escorria uma grande quantidade de sangue vermelho vivo, e a espingarda tão bem cuidada, que a esposa jurava nunca ter visto, estava apontada em direção à cabeça do antigo gênio revoltado.

Donald, pregador do lema da liberdade da dor, mostrava que o suicídio era o melhor tipo de fuga para os problemas. Só assim poderia descansar em paz. Poderia mesmo? Claro que não. Esse era um discurso mentiroso para pessoas fracas. As que não aguentam o dia a dia e pensam estar fazendo bem à humanidade, esquecendo as inúmeras vidas destruídas com algumas tentativas de suicídio.

Porque, sim, elas esquecem. E, sim, isso machuca muito.

Quem diria que o suicida chegou a ser uma criança bonita e alegre, como qualquer uma deveria ser. O tipo de menino que as mães agarravam as bochechas gorduchas. Aquele parecendo um anjinho no canto do playground, quietinho, enquanto os outros pulavam e gritavam tentando chamar a atenção das mães.

Porém, desde tenra idade, trocava melosas juras de amor com o ser que o deixaria transtornado, a ponto de enlouquecer, pegar a espingarda reluzente e BANG, “Ele ouviu vozes”, dizia a mãe aos sussurros para as colegas de bairro. A mesma que o havia feito passar a infância calado, ouvindo gritos de dor emitidos por ela, ao ser espancada pelo padrasto inúmeras vezes. Teria ela realmente acreditado que o filho fosse maluco?

Pelas atitudes, provavelmente sim. Ele seria para sempre o rapaz perturbado. Engraçado que de perturbado todos temos um pouco.

Ah, a liberdade da dor, pensava. Queria provar não ser louco. Queria chacoalhá-la, mostrando o quanto era errado se deixar manipular e abusar. Em ter no corpo magro, e principalmente na alma, marcas profundas feitas por um imbecil não merecedor sequer de seu olhar. E como sentia nojo do olhar de superioridade do homem que lhe pediam para chamar de pai. Ele não queria um pai como aquele. Até porque, para início de conversa, já tinha um. Distante, mas existia.

Donald tinha, sim, um amigo imaginário, mas nunca foi louco. Ao crescer; o transformou em uma amiga e, naquele momento, no quinto dia do quarto mês, a mesma sugava sua última gota de energia. Ele perdia a alma à medida que esquecia o motivo de sua existência e, ao ter os últimos sopros devida extraídos por ela, sentiu-se em um forte dia de inverno, mesmo sendo uma ensolarada manhã de primavera. Contudo, nada poderia ser feito para reverter aquela situação. Talvez até existisse uma forma. Quem sabe? Mas para ele não, pois nunca teve poder contra ela e pouco falou sobre seu caso, tentando manter em segredo a relação. Fazia isso porque a queria somente para si e tinha medo de que ela pudesse se encantar por alguém, e o abandonasse.

O restante do talento daquele jovem foi deixado de lembrança no bilhete suicida, dirigido à amiga secreta, dizendo não ter mais força para ouvir, muito menos para criar música.

Triste pensar no rapaz que ouvia cantores do momento falar sobre Jude, garota que pegaria uma música triste e transformaria em algo melhor. Através deles, na infância, descobriu gosto pela música. Na adolescência, a descoberta do porquê dela: refúgio. Como adulto, fez igual à garota da melodia, mudando tudo para algo melhor. Logo depois, cometeu suicídio.

Afinal...

Nada mais fácil do que se matar e acabar com a dor.

Dizia a todos que chegava a ficar doente de tanto amar. Besteira pensarem que era por causa da paixão pela recente namorada. Ele só cantava porque a amiga imaginária o seduzia. Quando comentava sobre esse sentimento chegava quase a vomitar de excitação, desprezo e, também, paixão. Tinha ânsia, quase falta de ar, que só quem já foi loucamente apaixonado consegue entender. Aquele sentimento de vazio e preenchimento. De solidão e vida a dois. Sentimentos antagônicos. A paranoia de pensar na pessoa amada se interessando por alguém que não é você. E como poderia se interessar por outra pessoa? Donald não aceitava isso. Ela seria eternamente dele. Ponto.

Ao contrário do que se pensava, o efeito alucinógeno provocado pelo cheiro de desodorante não era sua fonte real de inspiração. Na verdade, sempre foi o cheiro de espírito jovem que a criatura alada trazia consigo ao invadir a casa. A gota de suor escorrendo pelas costas curvadas, o contato quente dos dedos macios no cabelo, o aperto forte nos mamilos, os olhos a girar e as besteiras sexuais murmuradas o incentivavam.

Encontrava inspirações quando faziam amor alucinadamente, recitavam poesias antigas e quando ela dizia baixinho ao pé do ouvido que o amava. Mas sempre a via voar pela janela com um pedacinho a mais de sua alma. E para Donald tudo era óbvio: no dia seguinte teria material suficiente para fazer um hit que dominaria a indústria fonográfica.

Por causa dela, era rei.

Mas não queria ser. Queria apenas tê-la nos braços.

Depois de alguns anos, pensou que a entrada da esposa em sua vida fosse uma forma de senti-la mais próxima. Em seguida imaginou ser a filha, mas como sempre estava enganado. Ela nunca seria dele. Jamais ficaria com ele. A maldita sempre o enganou. O conto de fadas não tinha passado de noites de orgasmos cósmicos e dias longos de lamentações depressivas. Noitadas descontroladas acabadas em overdoses nos quartos de hotéis cinco estrelas pelo mundo. A esposa, os amigos, a banda, os fãs, enfim, todos ficavam ali, vendo a autodestruição sem saber como agir. Algo extremamente difícil, muitas vezes doloroso. Como impedir uma pessoa de usar o livre-arbítrio? Como demonstrar sua importância e a

necessidade de viver? Engraçado pensar: muitos dariam tudo para ter sua vida, seu dinheiro. Mas infelizmente viam sua alma esvaziar a cada show lotado, beijo trocado, rima criada, palavra de amor sussurrada, droga cheirada e copo esvaziado.

Sophia o amava. Isso era fato. Porém, parecia impossível impedir um caçador de caçar. Doloroso para ela resistir ao talento do jovem de traços irlandeses, que se drogava para se manter vivo, criativo, e se matava para tentar perceber se valia a pena viver.

Ele não era o primeiro. Não seria o último.

E assim, nas proximidades das águas do gélido lago Washington, o rei jazia em paz, livre dos pecados. Paz adquirida por não conseguir esquentar o frio paralisante de sua alma. Por não ser correspondido por aquela mulher.

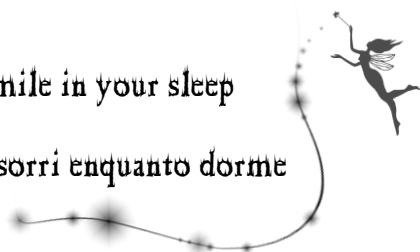
A maldita fada que amava.

With the lights md it less dangerous... Here we are now, entertain us.

1

You smile in your sleep

Você sorri enquanto dorme



Sophia sempre soube que poucos humanos viviam com o povo das fadas. Para achar o místico portal dos Sídhes era necessária muita sorte, estar no dia certo e no local estratégico. Logo aconteceria um desses momentos, com a realização do Sanhain, uma das passagens mágicas do ano, em que apenas alguns humanos enxergariam, nas altas e exuberantes colinas, os bons vizinhos. A festividade marcava a época de quando o véu dos mundos físico e espiritual se tornava mais tênue, sendo fácil para as fadas e elfos olharem os mortais, podendo ouvir seus pensamentos. Se ela gostava desse dia, ainda era uma incógnita. Mas a cada Samhain tentava se convencer que sim. Precisava acreditar nisso.

Para os humanos, sempre foi um choque encontrar o Outro Mundo, lugar regado de maravilhas e eterna juventude. Onde não existiam doenças e sempre havia fartura de comida. No entanto, parecia engraçado ver como eles agiam no Samhain. Os que não compreendiam as tradições vestiam fantasias malucas como a de uma abóbora ou jogador de futebol americano, se empanturravam de doces, na maioria das vezes caramelos grudentos cheirando a tutti frutti, e entravam no clima animado de festa. Isso era bom, pois o Samhain era uma celebração que merecia festividade. Não seria por falta de entendimento que perderiam as boas vibrações.

Talvez não entendessem de onde elas vinham, mas com certeza sentiam a magia no ar.

Os tocados pelo dom faziam outros tipos de rituais simples, mas muito eficazes. Um exemplo? Usavam vassouras de piaçava para varrer o chão, com intenção de banir o passado, abrindo espaço para o novo.

Também montavam fogueiras de mais de cinco metros para queimarem papéis rabiscados com as coisas das quais queriam se livrar. Era Ano Novo para as bruxas, daí a origem desse ritual.

Enfim, era hora de recomeçar. Qualquer ser, humano ou não, poderia refazer sua vida em datas como aquela. Por que então não tentar de tudo? Se fosse para o bem da humanidade, qualquer coisa valeria a pena.

Muitos Sídhes aproveitavam o enfraquecimento do tecido das dimensões no Samhain para ir à Terra visitar os mortais. A maioria descia com a intenção de buscar conhecimento, outros para captar boas emoções e alguns para assustar pessoas merecedoras de castigo. As Leanans Sídhes eram diferentes, iam em busca de amor; e por isso Sophia Coldheart tinha um dilema. Confusão de sentimentos. Não sabia se desejava ir em busca de mais um amor. Mas era forçada pela sua natureza a isso. Sempre parecia ser forçada a alguma coisa.

Mesmo em sono profundo, respirando lentamente, tendo consciência de que a alma vagava pelo plano astral, por horas revirava na cama, agarrando com força o travesseiro macio feito de pena de ganso. Mais uma vez ele visitava seus sonhos. Aquilo a atordoava. Era gostoso e ao mesmo tempo irritante escutar os sussurros suaves das palavras na mente, como se fossem parte de uma música antiga e sinistra, tocada na vitrola enferrujada no fundo de uma sala. Aquilo a incomodava, mas também seduzia. Ainda não entendia o porquê disso. Mas se via encantada e muitas vezes desejando o sonho. Desejando vê-lo.

Outra vez aquela voz envolvente estava lá, soando calma como a de um padre, sedutora e esperançosa como a de um rapaz apaixonado. Novamente uma noite inesquecível, que a fazia acordar feliz, com um sorriso estampado no rosto, e latejando de tão excitada. Porém, ele era apenas mais um idiota apaixonado por ela e com isso iria sofrer. Muito.

Ela o ouvia recitar a declaração de amor com a sensação de estar perante um bardo. Aquele tipo que contava histórias sobre rapazes da plebe, apaixonados por princesas intocáveis de longos cabelos trançados. Ele dizia em palavras doces:

Minha musa, com quem tanto sonho, mas nunca encontro. Como é lindo olhá-la dormindo, serena, sem se preocupar com este vasto mundo.

Minha menina sonhadora, mas guerreira, que enfrenta as dificuldades como líder, mas é simples o bastante para andar descalça no barro molhado, cometer loucuras juvenis, ser notada por homens mais velhos, sentir a chuva bater na face, comer um bolo com muita cobertura e se apaixonar por um completo estranho. Minha santa que assusta, mas segue em frente, ainda que o desconhecido lhe cause medo. Sua sinceridade nas palavras e gestos me envolve todos os dias.

Vejo você tão perto, formosa, deitada na cama, cabelos loiros brilhantes esparramados no travesseiro branco. Tão sensual, com um pequeno brinco de pérola a brilhar. Parece até pintura, de tão graciosa. Poderia ficar horas analisando a perfeição divina.

Conforme as palavras eram ouvidas, a garota se remexia de um lado para o outro na larga cama de casal perfumada. Mesmo desacordada, teve consciência de sentir os dedos finos tocarem o brinco gelado e sorriu com o fato de ele realmente estar lhe vendo. O garoto parecia inspirado naquela noite. As palavras faziam o coração de Sophia bater mil vezes mais rápido. Seria aquilo uma forma de mostrar para ela a importância do rapaz? Definitivamente sim. Impossível um bardo mais sensual. Ela encontrava o mais novo candidato a príncipe encantado.

As veias de Sophia saltavam da pele arrepiada de excitação. As energias emitidas por ele entravam na corrente sanguínea como se fossem heroína, queimando cada pedaço do corpo, a fazendo enlouquecer. E assim ele continuou com a jura de amor:

Porém, está tão distante, em outro lugar, outra dimensão, que não consigo penetrar, a fim de, finalmente, chegar perto de um ser tão encantador como você. Como gostaria de estar em seus sonhos, nas lindas passagens que imagino ao ler aquele conto de amor eterno, que nos faz esquecer da vida e me traz para mais perto de ti.

Você, minha amada, é o tipo de mulher que os homens gostariam de carregar no colo. Isso é a coisa que mais quero na minha vida. Quando irá me permitir realizar tal desejo?

Não era a primeira vez que sonhava com William Bass. O jovem escritor que ficava horas escrevendo em folhas de papéis amarelados, recitando versos de amor para ela, sentado descalço à beira do lago Bassenthwaite na região de Keswick, no condado de Cúmbria, na Inglaterra. Isso já vinha se repetindo nas últimas semanas, mas pela primeira vez ele pedia para encontrá-la. Aquele sinal Sophia já conhecia, e dele sentia ódio.

Deveria estar acostumada com todo o processo de sedução, pois fazia parte de sua essência, porém nunca se sentiu bem com o instinto de sobrevivência. Todas as vezes que ouvia o rapaz de cabelos negros como carvão, pele bronzeada de sol e olhos penetrantes falar se sentia péssima por estar começando a ter influência sobre ele. Ao mesmo tempo, percebia a boca rosada salivar de desejo com as palavras recitadas. Era revigorante sentir o poder de ser amada por alguém. Já notava a energia do rapaz correndo pelas veias, por todo o corpo metafísico.

Sophia, neta do governador Arawn, era uma criatura chamada Leanan Síthe, conhecida como a “fada-amante” ou simplesmente a “fada-namorada”. Havia décadas vagava pelo mundo em busca de amor, mas não apenas um amor, vários deles. Pois nenhum homem seria forte o bastante para resistir ao seu encantamento.

Ela tinha o poder de fazer qualquer homem ou mulher com dons artísticos ser o melhor de sua época, em um estalar de dedos. E quando o humano se encantava, a Leanan tirava proveito e pulava para o próximo, porque nunca se prendia a alguém. Se apaixonar parecia um grande risco para uma criatura como ela. Já havia presenciado e também ouvido situações complicadas assim. Se aconteceria, era impossível saber, mas rezava todas as noites para que não acontecesse. Não queria passar por aquele sofrimento.

Na terra dos humanos, seria descrita como uma jovem com cerca de 18 anos. Longos cabelos dourados que iam até a altura da cintura fina, finalizando em pequenos cachos parecendo feitos profissionalmente. A

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

